



CASO MARIELLE

PF detalha dinâmica do crime

Corporação encaminhou ao STF relatório de 479 páginas que refaz todo o caminho trilhado pelos criminosos

» RENATO SOUZA

Um ano após entrar oficialmente nas investigações do caso Marielle, a Polícia Federal entende que a participação da corporação está encerrada. A informação foi repassada ontem pelo diretor-geral da instituição, Andrei Rodrigues.

Os investigadores enviaram ao Supremo Tribunal Federal (STF) um relatório detalhado, de 479 páginas, que narra como ocorreram os primeiros planejamentos para o crime; a cooperação de atiradores pelos irmãos Domingos e Chiquinho Brazão, os mandantes; as tentativas de atrapalhar o andamento das diligências e o trabalho de contra-investigação para impedir que os nomes dos mandantes fossem conhecidos.

A surpresa no documento está na participação do delegado Rivaldo Barbosa, que assumiu a chefia da Polícia Civil do Rio de Janeiro um dia antes de o atentado ser cometido. Ele foi escolhido para o cargo pelo general Fernandez Nunes, então secretário de Segurança Pública. Fernandez foi nomeado pelo general Braga Netto, interventor federal no Rio durante o governo do ex-presidente Michel Temer. Em 2022, Braga Netto, que foi ministro do ex-presidente Jair Bolsonaro, concorreu como vice em sua chapa.

Rivaldo foi apontado como o articulador do atentado pelo ex-policial Ronnie Lessa, em

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Lewandowski e Rodrigues informaram que as investigações podem ser retomadas, se houver fatos novos

delação. De acordo com Andrei Rodrigues, não é possível apontar apenas um fator para justificar os assassinatos, mas ele destacou que as responsabilizações dos envolvidos poderão ocorrer a partir da conclusão do inquérito. Porém, segundo ele, novos fatos podem motivar outras ações por parte das autoridades policiais. “Neste momento, a PF encerra essa atuação apontando não só os mandantes, mas também

os executores. Mas isso não impede que outras situações sejam analisadas. Não houve uma só motivação. Mas há um conjunto de fatores de políticos de oposição. Existe um fator envolvendo milícia, disputa por regularização fundiária”, explicou.

Planejamento

As diligências mostram que o crime começou a ser planejado

em 2017 e as preparações aumentaram no segundo semestre do mesmo ano e só não ocorreram ainda naquela época devido a estratégias para dificultar que os executores e mandantes fossem identificados. As investigações apontam que o planejamento da morte de Marielle envolveu um miliciano infiltrado no PSol. De acordo com relatório final do caso, Laerte Silva de Lima se filiou à sigla cerca de um ano antes da execução da vereadora e



Neste momento, a PF encerra essa atuação apontando não só os mandantes, mas também os executores. Mas isso não impede que outras situações sejam analisadas”

Andrei Rodrigues,
diretor-geral da
Polícia Federal

RJ. Lessa, o atirador que fez os disparos que mataram Marielle e Anderson, receberia lotes em um empreendimento na Zona Oeste do Rio como recompensa pelo crime.

Defesa

A defesa de Domingos Brazão informou que o conselheiro do TCE foi “surpreendido” pela determinação do STF. Em nota, ele “reforça a inexistência de qualquer motivação que possa lhe vincular ao caso e nega qualquer envolvimento com os personagens citados”.

O advogado de Rivaldo Barbosa, Alexandre Dumans, disse que seu cliente não obstruiu as investigações. “Foi exatamente durante a administração dele que o Ronnie Lessa foi preso”, argumentou o advogado.

Já o deputado Chiquinho Brazão não se manifestou até o fechamento desta edição. Na semana passada, no entanto, quando já se especulava sobre a sua atuação, o parlamentar disse, em nota, que o seu convívio com a vereadora “sempre foi amistoso e cordial, sem espaço para desavenças.”

Em nota publicada ontem, por meio de seus advogados, o general Braga Netto afirmou que a nomeação de Barbosa era atribuição do general Richard Fernandez Nunes, que atuava como secretário de Segurança Pública do Rio, e negou que ele tenha decidido sobre a escolha.

Cronologia

2018
Em 13 de março Rivaldo Barbosa foi empossado como chefe da Polícia Civil do Estado do Rio, um dia antes da execução de Marielle. Na época, a segurança do Rio estava sob intervenção federal, tendo à frente o general Walter Braga Netto.

Marielle Franco e Anderson Gomes foram assassinados em 14 de março, às 21h15, no cruzamento das Ruas Joaquim Palhares e João Paulo I, na região central do Rio. O carro onde estavam foi alvejado por 13 tiros de uma submetralhadora HK MP5. A assessora da parlamentar, Fernanda Chaves, também foi ferida, mas sobreviveu.

Menos de um mês após a morte de Marielle, Lucas do Prado Nascimento da Silva, conhecido como Todynho, foi assassinado em uma emboscada na Avenida Brasil. Ele é apontado como responsável por alterar o documento do veículo utilizado por Lessa e Elcio Queiroz, comparsa dele. Em maio, uma testemunha

contou à polícia que um policial militar e um ex-policial militar estavam no Chevrolet Cobalt prata, que foi utilizado pelos assassinos. Mais tarde, confirmou-se que se tratava de Ronnie Lessa e Elcio Queiroz. Os dois tentaram ocultar as provas da execução, levando o veículo para um desmanche, que seria de propriedade do dono de ferro-velho Edilson Barbosa dos Santos, conhecido como Orelha.

Em novembro de 2018, o então ministro da Segurança Pública Raul Jungmann anunciou que a PF investigaria a existência de um grupo criminoso que tentava atrapalhar as investigações. Uma entrevista, em dezembro, do general Richard Nunes, que atuava na equipe que liderou a intervenção federal do Rio, apontou que milicianos acreditavam que Marielle podia atrapalhar os negócios ligados à grilagem de terras na zona oeste do Rio.

2019
Em 22 de janeiro, a operação Os Intocáveis cumpriu 63 mandados de busca e apreensão nas residências de 13 suspeitos de integrarem a milícia de Rio das Pedras, na Zona Oeste do Rio. O

ex-capitão do Bope Adriano da Nóbrega era o principal alvo.

Em 12 de março, Lessa e Queiroz foram presos pela Polícia Civil do Rio. O delegado Giniton Lages, que estava à frente do caso, afirmou que os mandantes e as motivações do crime seriam elucidados em breve.

Também em março, a Polícia Civil do Rio apreendeu 117 armas modelo M-16, desmontadas, que estavam na casa de Alexandre Motta Souza, amigo de Ronnie Lessa.

Em setembro, um relatório da PF apontou o deputado Chiquinho Brazão, como o “autor intelectual” do duplo assassinato. Ele também foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) por obstrução de Justiça.

Reportagem da TV Globo mostrou, em outubro, que o porteiro do condomínio onde morava Ronnie Lessa, afirmou, em depoimento, que o ex-presidente Jair Bolsonaro, outro condômino, havia liberado a entrada de Queiroz no dia do assassinato. Mais tarde, foi confirmado que a informação

era falsa. O porteiro que deu acesso a Queiroz foi outro e o encaminhou à casa de Lessa.

2020
Em maio, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) negou a federalização da investigação sobre o homicídio da vereadora.

Uma força-tarefa formada pela Polícia Civil do Rio, pelo MPRJ e pela Corregedoria do Corpo de Bombeiros do Estado, em junho, prendeu o cabo do Corpo de Bombeiros, Maxwell Simões Correa, conhecido como Suel, por obstrução das investigações. Ele teria jogado armas e outras provas em alto-mar assim que os suspeitos foram presos. A mulher de Lessa, Elaine Lessa, foi presa na mesma operação.

2021
O sargento reformado da PM Edmilson da Silva de Oliveira, mais conhecido como Macalé, foi morto a tiros, em novembro, na Zona Oeste do Rio. Segundo a delação de Elcio Queiroz, Macalé foi o responsável por contratar Lessa para o crime. Ele era o intermediador entre os mandantes e o executor do assassinato.

2022
O delegado Alexandre Herdy assumiu o caso, em fevereiro, tornando-se o quinto a comandar a investigação sobre o assassinato da vereadora.

2023
Em fevereiro, no dia da posse como ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, atualmente ministro do STF, afirmou que desvendar o assassinato da vereadora era “questão de honra do Estado brasileiro”.

O ex-policial Elcio Queiroz confessou, em julho, em delação premiada, que dirigia o veículo usado na execução e que participou do planejamento do crime. Queiroz também citou Lessa como atirador e Domingos Brazão, como mandante do crime. Com isso, o caso foi remetido ao Superior Tribunal de Justiça (STJ). A delação também resultou na prisão do ex-bombeiro Maxwell Simões Corrêa.

2024
Em fevereiro, a Justiça do Rio condenou Ronnie Lessa a seis anos e oito meses de prisão em regime semiaberto por contrabando de peças e

acessórios de armas de fogo. A denúncia do Ministério Público Federal (MPF) indicou que, entre os anos de 2017 e 2018, o ex-policial fez dez importações ilícitas de peças e acessórios bélicos que poderiam ser usados para a montagem de fuzis e armas de arsorto.

No mesmo mês, Orelha foi preso em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, após ser denunciado pelo Ministério Público por impedir e embarçar as investigações do caso.

Na última terça (19) o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, anunciou que o STF homologou uma delação premiada concedida por Lessa. Na colaboração, o deputado federal Chiquinho Brazão foi citado como um dos mandantes do crime, o que motivou o deslocamento do caso do Superior Tribunal de Justiça (STJ) para o Supremo Tribunal Federal (STF).

Ontem, a partir da homologação do depoimento, a PF deflagrou a Operação Murder Inc que prendeu os três suspeitos de envolvimento no assassinato da vereadora.

NÃO IMPORTA O SEU TIPO SANGUÍNEO.

Saiba como doar acessando hemocentro.df.gov.br



TODOS OS DIAS, DEZENAS DE PESSOAS NECESSITAM DE UMA TRANSFUÇÃO DE SANGUE.

Mas nem sempre os estoques do Hemocentro estão abastecidos o suficiente para atender a todos. Mais do que um ato solidário, doar sangue é um gesto de bondade que pode salvar vidas. Se você tem entre 16 e 69 anos, pesa mais de 51 kg, não possui comorbidades, está bem alimentado e hidratado e não passou por cirurgia ou não fez nenhum procedimento estético recentemente, procure o Hemocentro e torne-se um doador. Um doador sangue bom.